

É preciso se preparar para a revolução da IA no trabalho

Ao contrário da maioria das inovações no passado, a penetração da IA ameaça empregos mais especializados e bem pagos

09/06/2025 05h01 · Atualizado há 5 horas

Presentear matéria

Há sinais crescentes de que a inteligência artificial (IA) está começando a afetar de maneira importante o mercado de trabalho. Nas últimas semanas, houve vários anúncios de cortes e congelamento de vagas relacionados à adoção mais intensa de IA por empresas. O tema, no entanto, tem ganhado pouco destaque no debate público, tanto no Brasil como no exterior, apesar dos alertas de especialistas e de executivos do setor. Já passou da hora de a sociedade começar a discutir o que pode ser feito no caso de essa nova tecnologia causar uma disrupção no emprego.

O fundador e CEO da Meta, Mark Zuckerberg, previu que já em 2025 as empresas começariam a substituir programadores e engenheiros de nível médio por IA. Em seguida, a Meta anunciou o corte de 5% de sua força de trabalho, ou 3.600 funcionários. Em maio, a Microsoft anunciou nos EUA o corte de 6.000 funcionários. Algumas empresas citam explicitamente a IA como causa de demissão, como fez a americana CrowdStrike, da área de cibersegurança, que demitiu 5% de seus empregados em maio. Outras mencionam a IA, mas isso fica subentendido. Foi o caso da varejista Walmart, que dispensou 1.500 funcionários nos EUA, quase todos da área de tecnologia e suporte. O fundo soberano da Noruega informou que vai congelar a abertura de vagas na área de análise financeira.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Leia também:

Com Ronaldo Fenômeno, feira em aeroporto de luxo expõe jatos de até R\$ 556 milhões

Rumble e empresa de Trump pedem à Justiça dos EUA que Moraes compense prejuízos por suas decisões

Ao longo da história, revoluções tecnológicas sempre ensejaram previsões alarmistas de que a substituição de trabalhadores por máquinas causaria desemprego em massa. Houve sim, perda de empregos em certos setores. Mas novas atividades, indústrias e empregos acabaram surgindo em função dessas novas tecnologias e da riqueza que elas geravam, o que mais do que compensou as vagas perdidas.

Muitos executivos, tanto do setor de IA como de áreas que podem ter uso intensivo de IA, acreditam que esse roteiro tradicional se repetirá. Mas e se agora for diferente? E se realmente as previsões mais pessimistas desta vez se confirmarem? E se a transição for tão rápida a ponto de gerar um desequilíbrio de longo prazo no mercado de trabalho?

“O câncer será curado, a economia vai crescer 10% ao ano, o orçamento público será equilibrado, e 20% das pessoas não terão empregos [devido à IA]”. Dario Amodei, CEO da Anthropic, empresa criadora de IA, formulou esse cenário como muito plausível (site Axios, 28/05). Segundo ele, a IA poderá eliminar em um a cinco anos metade das vagas de colarinho branco que seriam normalmente abertas para recém-formados.

Ao contrário da maioria das inovações no passado, a penetração da IA ameaça empregos mais especializados e bem pagos. Além das áreas de tecnologia, muitas atividades em direito, medicina, mercado financeiro e funções administrativas poderão ser realizadas por IA a um custo incrivelmente menor. Segundo Amodei, os CEOs já perceberam isso e estão acelerando a introdução de IA nas empresas.

Ao mesmo tempo, as empresas de IA estão numa intensa disputa para sofisticar cada vez mais seus modelos, o que, por sua vez, permitirá a substituição de humanos em mais atividades. Empresas e países temem ficar para trás e buscam avançar o mais rapidamente possível, sem considerar o impacto no mercado de trabalho.

Estudo da LCA 4Intelligence divulgado nesta semana (**Valor**, 03/06) indicou que a IA tem o potencial de afetar 31,3 milhões de empregos no Brasil, sendo que 5,5 milhões enfrentam um risco maior de serem eliminados.

Um aumento repentino e significativo de desemprego devido à IA teria profundas consequências sociais e políticas. Tenderia, por exemplo, a agravar ainda mais a desigualdade de renda, pois elevaria a remuneração do capital e achataria a massa salarial. Isso geraria insatisfação e tensão sociais, que poderiam ser canalizados para movimentos populistas e extremistas, o que seria um risco para as democracias.

Uns poucos países começaram a adotar iniciativas para se preparar para uma possível reviravolta no mercado de trabalho. O governo de Cingapura criou o SkillsFuture, um programa que visa a capacitar as pessoas a usar a IA e a treiná-las para atividades que serão mais exigidas na transição econômica. No Canadá, a Pan-Canadian AI Strategy busca não só estimular a adoção de IA de forma responsável, como também treinar trabalhadores e pequenos empreendedores a usar a IA. A Alemanha tem programa similar.

Essas iniciativas sugerem que a requalificação e a educação contínuas terão um papel vital em qualquer estratégia de combate ao desemprego gerado pela IA. Possivelmente será inevitável reforçar a rede de assistência social. Isso tudo terá um custo. Parte dele, segundo Amodei, deveria ser coberta por novos impostos que recairiam sobre empresas de IA, empresas que mais se beneficiam da IA e pessoas que enriqueceram com a IA, os ganhadores dessa revolução tecnológica.

Mas as mudanças com a revolução da IA estão acontecendo rapidamente e parecem inevitáveis. Não é possível ignorá-las por mais tempo. E o primeiro passo é envolver trabalhadores, empresas, políticos e governos num debate franco e transparente sobre os riscos e as alternativas para mitigá-los.